

Memórias Póstumas de Um Solitário: um romance para
além do além...

PERSONAGENS

Princesa Raísa

Súdito

Rei

Dom Pedro Pedreiro I

Irmão mais velho do Súdito

Irmão mais novo do Súdito

Criada Chica Silvana

Copeiro-mor

Criado 1

Criado 2

Criado 3

Criado 4

Criado 5

Anúbis

Jamis

Jimis

Rainha

Transeunte 1

Transeunte 2

Segurança 1

Guia da Carruagem Real

Segurança 2

Guia da Carruagem Forte

Guia e Tradutor da Carruagem Real

Estranho à entrada da casa do Súdito

Jovem estranho

Todos os guardas

Mensageiro

PRÓDROMO

O leitor irá identificar nos textos a seguir, uma série de relatos fictícios à guisa de um Romance de terror, onde o protagonista (um cadáver no além), conta todo o desenrolar de sua lúgubre história romântica com sua eterna amada, que só pôde se “efetivar” sem entraves, de maneira perene no além, ou seja, depois da morte dos dois.

De maneira que após a morte de um, o tempo passa tão rápido do outro lado da vida que, mesmo o outro morrendo apenas poucos segundos após, a impressão que o primeiro teve ao ir para o submundo é várias eras se passaram (...)

A princípio, a pragmática deste livro pretende desenvolver-se em um desdobramento romântico obscuro, completamente envolto em mistério, e suspense onde a história irá começar em um cemitério, que será o primeiro cenário – onde está a figura principal: este cadáver que aparece como um abantesma de tempos em tempos por sobre as catacumbas à meia-noite –, sendo o ponto principal, e inicial de toda uma história de assassinatos, traição, mistério, que culminar-se-á em um “eterno romance” no além que será o mais alto píncaro atingindo no clímax da história, quase no final do livro o leitor irá encontrar também um pequeno Tratado sobre uma das temáticas mais debatidas da História da humanidade que é sobre a existência ou não de Deus.

Espero que o leitor possa acompanhar o desenrolar do texto de maneira atenta, sem menoscar de sua leitura nenhum dos fatos que aqui eu tenciono enxertar nessa pequena história, por mais singelo que possa parecer tal fato em um primeiro momento.

A todos que irão ler este livro, eu espero que gostem e desejo-vos uma proveitosa leitura...

O Autor, 2020.

Prólogo

Foi muito interessante como conheci minha linda, ao chegar ao Castelo pela primeira vez e ver o quadro com sua imagem pintada em uma parede perto do trono do rei, onde logo de imediato veio sobre meu espírito o desejo de compor a seguinte poesia:

Quem é aquela bela criatura feita por Deus, no quadro à minha frente?
 Uma bela imagem que se transforma em imagética em minha mente...
 E imbuída de contornos e movimentos alucinantes, que não consigo descrever...
 Musa de uma bela noite de verão a me enlouquecer...

É sim! Aquela do quadro que não sei de onde surgiu (...)

Aquela que não sei onde agora está, mas arrebatou-me co'olhar.
 Quem será esta linda obra de arte?
 Uma beleza corporal maior - muito maior! - Que as estátuas de Michelangelo...
 Ela transparece-me através de seu olhar, fulgurante, luzes a me cegar,
 Luzes que em suas faces, deixam-na mais linda que Gioconda...
 Ainda mais linda ficas, com seu sorriso em minh'alma a adentrar como relâmpago!

Boca mais bonita e mais bela, como outra sem igual.
 Ela me parece tão distante e ao mesmo tempo tão perto de mim...
 Linda perspectiva co'a qual fico-lhe a admirá-la (...)
 Admirá-la eternamente em minha mente - como fico contente...

Musa Homeriana, como você desinquieta-me...
 Uma linda sereia digna de todos os meus encômios,
 Lâmpada és para meus olhos observar-te o dia inteiro
 Hodiernamente você, de meu pensamento não consigo tirar.
 És a mais perfeita de todas as mulheres que meus olhos um dia puderam contemplar...
 Rainha?... Princesa?... Donzela?... Não sei o que tu és...

Só sei que sua falta de presença nesta sala, aborrece-me...
 Iguamente me deixas sem ação, seu olhar de soslaio
 Meigo, atrevido, como um olhar rapace que a tudo quanto fita o rouba para si...

Levando embora para si não somente o olhar, mas também a alma de quem te viu ali...
 Inda entrementes seu olhar e o meu, quão longa é a distância...
 Nunca este eterno e desvairado abismo eu ei de o conseguir transpor,

Duma forma extremamente lastimável e melancólica - que horror!

A mais terrível de todas as mais profundas chagas num eterno coração apaixonado (...)

Quem será esta linda mulher no quadro em minha frente, que roubastes meu coração? E pior! Qual será o seu nome que ainda não foi-me falado...

Naquela noite gélida, e mais ou menos silenciosa de sexta-feira, do dia 13 de abril de 1887, na pequena cidade de Brasingangaa – uma ilha afastada de todas as sociedades e bem demarcada por suas próprias leis, costumes e até mesmo calendário que era diferente do calendário corrente – eu não fazia a menor ideia de como iria dizer a minha doce, e eterna amada os obscuros, e violentos pensamentos que ululantemente acabrunhavam minha mente, e minha alma achatando-as de maneira formidável, e indizível ao ponto de me deixar exangue...

Ao passo que como por ímpeto de um assalto, dentro do quarto da minha amada fui tomado de fato irrevogável e indizível, por um pequeno remorso passageiro – bem passageiro... principalmente após ela ter me olhado por baixo dos olhos, como costumava fazer quando se zangava – por conta de todas as quiméricas ideias abjetas que me vinham à mente, para poder resolver de vez aquela situação e poder ter para sempre comigo (somente para mim!), minha linda Raísa; a morena mais bela que um dia meus olhos teve o prazer de poder contemplar... seus cabelos lisos, e escorridos pelas costas, mais pareciam uma gigante cascata de águas cristalinas à bailar, e banhar as colinas mais altas de uma bela montanha paradisíaca na Cordilheira dos Andes; as curvas de seu simétrico, e ofuscante rosto brilhante – me prendiam –, me fazendo delirar, e estremecer a alma de paixão; seu corpo com sua pele macia, era como se fosse uma escultura perfeita de Michelangelo à desfilar sob influência de um ato miraculoso da Providência; seus pés eram tão perfeitos que me lembro até hoje de cada curva, e depressão que os mesmos tinham, principalmente quando tocava-os na escura e turva imensidão daquele quarto solitário que nos encontrávamos às vezes.

Não sei bem o que aconteceu comigo naqueles tempos... Hoje aqui em meio a esses tormentos infernais e catacumbas espalhadas por esse solitário e fustigante cemitério, a única coisa que não paro de pensar é como seria belo poder uma vez mais ver minha doce Raísa, sem o incômodo dos obstáculos amiúde que era-nos impostos por todos os lados da forma como as coisas se deram (...).

...Eu já havia planejado tudo, não sei porque ela me olhava tão assustada daquela maneira como me olhou, enquanto estava sentada em sua cama coberta por linho egípcio e colchas de pele de Tigre-siberiano, recostada – meio distraída por sinal, à medida que eu ia falando-lhe – à cabeceira feita de Marfim, tão resistente quanto Pau-Brasil ou Aroeira, com os olhos esbugalhados à me fitar co’as feições de suas faces pálidas remoendo e machucando as dobras do seu belo e sedoso vestido de linho fino cor de carmesim. Justo no dia de fazer o que tinha de fazer!...

Eu disse para ela que tudo iria dar certo e que finalmente nada mais impedir-nos-ia de juntos ficarmos eternamente. Eu cheguei a interpelá-la como fortes gritos, sobre o porquê de ela estar tão assustada daquele jeito, visto que tudo seria perpetrado por um bem maior, e acho que nesse caso os fins justificam os meios por que as coisas têm de se passarem, e se darem, e não seríamos condenados em nenhum Tribunal, fosse o juiz que fosse – era o que eu inocentemente acreditava – sem do todo, através das partes me inteirar por completo...

Lembra-me perfeitamente a memória que já contavam alguns dias que não via adentrar no palácio da Majestade Real, o meu rival e pretendente de minha amada, o Dom Pedro Pedreiro I, aquela víbora Urutu Cruzeiro que por muito me havia se tornado uma pedra no meio do meu caminho e um espinho a aguilhoar o meu calo!

Porém, todos na Corte gostavam do jeito dele caminhar como Aquiles, do jeito dele de falar como Cícero, do jeito dele cantar seus belos poemas, e poesias como Davi, e eu... bem... eu era apenas um reles súdito do rei; apenas levava, e trazia os recados importantes à cavalo, e que de alta cultura só houvera ouvido falar – bemmmm... de longe – de um tal Arouet, e um herói grego ou mexicano – sei lá, não me lembro – chamado Hércules ou Héracles, sei lá como se fala o nome daquele semideus réprobo que matou seus próprios filhos como conta a lenda.

Mas o bufão empezinhado – aquele ladino – esse não!... Ele sabia falar três idiomas diferentes; havia viajado fazendo Turismo Cultural e Turismo de Experiência por toda a Europa, Ásia, África em países renomados por sua cultura como: China, Japão, Estados Unidos da América; conhecia tudo que escreveram, e nos restou dos pré-socráticos, Platão, Aristóteles, os filósofos chineses, e indianos; e, já havia lido os Livros Santos por pelo menos umas três ou quatro vezes, podendo citar de cor, e salteado boa parte dos Salmos – sem contar que conhecia algumas Suratatas do Alcorão, o Livro dos Vedas e o Avesta dos persas –; e suas roupas nem se fala!... Eram as roupas de gala mais belas, e bem costuradas que eu já havia visto, similar as de Esaú.

Contudo, aquilo não importunava-me, ao ponto de me fazer esquecer meus principais anseios, e descuidar da clepsidra para não atrasar-me com os meus compromissos com a Majestade Real; toda aquela indumentária esplêndida, e riqueza cultural, só faziam crescer mais, e mais o meu hirsuto ódio visceral que durante muito tempo nutri – com comida da melhor espécie diga-se de passagem – contra a pessoa dele; pois eu quisera apenas naqueles tempos amar a bela princesa Raísa, e o outro em contrapartida, queria apenas renome, e alianças políticas para o seu Reino, e mais nada.

Aliás, os tempos naquele tempo, não eram amenos, e em meio a tanta obscuridade de sentimentos, e atitudes perniciosos, vexações aterradoras de toda espécie que brotavam no seio daquela decaída, e enfadonha sociedade onde o imperialismo reinava; ao ponto de não haver nenhuma diafaneidade no fim do túnel ao qual tudo ia se decorrendo, tornando-se tudo aquilo espinhos em meus olhos a atormentar-me à medida que os eventos iam se consumando: muitas crises sociais, econômicas, e políticas por conta das várias guerras que vez por outra rebentavam em meio às províncias, e os países mais pobres ao Norte; muita fome assolando as nações desprovidas de lideranças capacitadas onde reis haviam, que só se preocupavam com seus próprios umbigos, e eu em meio a tudo aquilo só podia pensar em uma coisa apenas, ou seja, como eu iria fazer para ter ao meu lado para sempre minha doce, e maravilhosa Raísa...

Capítulo I

Alguns dias antes do assassinio de Dom Pedro Pedreiro I (o Súdito e a Princesa Raísa no quarto conversando):

Princesa Raísa – Mas meu doce amor!

Eis que seriam, porventura,
Teus planos doce e amargura
Sem de nada eu colher o sabor?

Achais mesmo que não desconfiareis
De todas as suas tramas e tretas,
Aquele víbora sem maneiras?
Não!... Onde irei eu e esconder-me-ei?

Eu te amo meu amor, mas temo que
O amor seja o motivo de dissabores, e
Aflições para alma, e morte para você.

Temo pela minha vida, e pela tua
Não sei se poderei conviver com a sua
Triste, e melancólica perca, em noite nua...

Súdito – Ó minha doce e meiga princesinha!

Sabeis tu perfeitamente o quanto éreis
Um para o outro – e ainda sois – meu amor
Pelo teu. Não turbeis o vosso coração!...

Eis que tudo já está preparado e maquinado
Em minha mente, cada detalhe do que será
Perpetrado contra a vida daquele fanfarrão.
Mas por agora apenas deite e durma tranquila.

Pois eis que vem dias onde lágrimas de sangue,
Irão banhar o rosto do infeliz que tanto me molesta.
Aquele que sem causa intenta de mim roubar-te.

Serão dias tenebrosos e de muitas aflições para alma!
Principalmente para aquele cangaceiro mequetrefe...
Eis que farei com que meus intentos não sejam patavina.

Princesa Raísa – Oh! Vida triste e cruel... como viver-te?

Por que o Sol não mais para mim quer brilhar?
Como a ti meu amor, deste erro convencer-te?
Se assim é... essa vida não mais quererei trilhar...

Não mais o brilho da Lua quererei eu ver...
E o eflúvio das doces flores do campo verde,
Não mais quero sentir, pois assim, não tem prazer...
E toda a beleza do DNA humano esvaiu-se pra quê?

Não... mil vezes não! Não sejas tu motivos de
Tristeza, com tua perene ausência longe dos meus
Braços e dos meus carinhos, onde não terei você.

Se até ontem e anteontem éreis o amado de meus
Desejos, hoje tornastes um duro inimigo com esses
Pensamentos, que cedo ou tarde ser-te-ão filisteus.

Enquanto conversavam o Súdito e Raísa um barulho os interrompeu (Bate na porta Criada Chica Silvana e logo após os outros criados aparecem):

Criada Chica Silvana – Toc, toc, toc, toc, toc... (Chica Silvana batendo na porta)

Tem alguém aí?

Senhorinha, está

Tu bem aí? Estais

Ainda – a essas

Horas – ao relento

Em claro, da escura

Noite?

Precisais de ajuda?

Princesa Raísa – E agora, a Silvana acordastes? (fala ao Súdito)

Ser-me-ia, porventura, mais triste

Apanhada ser em delito e deleite?

Ó cruel criada, porque levantastes?

Eia meu querido amor, é tempo

Agora de tu deixares-me por onde

Viestes, pela mesma entrada finde

Nosso encontro de hoje neste momento.

Apressa-te antes que ela entre e nos

Surpreenda, pois essa fuxiqueira por boba,

Nunca se deixará passar, entregando-nos...

Retirai novamente a igaçaba do lugar,

E, também, o escrínio que tampa a passagem

Ao lado da minha cama e corra sem parar...

Súdito – Sim meu amor eu vou, mas não para sempre!

Pois ainda a primavera está sorrindo e cantando.
O vento doce que está exalando de nossa paixão
Ainda está a refrescar ardentemente minh'alma.

Pondereis bem amor meu, sobre tudo que falamos.
Não deixeis que o calor da emoção, e a embriagues
Timorata da incerteza, tireis de vós a realidade, e
As fantasias obradas pelos fortes braços de nosso amor.

Por agora, apenas venha cá e taque um beijo em
Minha boca e aquando eu sair, se não retornares
Uma lembrança a mais, pelo menos, terei de você...

Ó triste e solitário destino! Será mesmo tu meu?
Coisa ruim é ter de conviver com a dúvida e incerteza!
Posição abominável é se encontrar debaixo da indecisão...

Criado 1 – O que foi Chica, o que se passa?!

Estava já a dormir quando a ti ouvi
E não mais em minha cama permaneci.

É alguma coisa com a senhorinha?
Ela está aí dentro a dormir ou não?
Conte-me logo bruaca, qual a razão!...

Criado 2 – Pelos deuses gregos o que acontece?!

O que foi Chica, porque está gritando?
Eu estava já a pestanejar no outro canto.

Criado 3 – Pelos orixás e santos protetores de paizinho!

O que é toda esta balburdia que vejo aqui?

Vamos, desembuchem, o que levantados fazem aí?

Criado 4 – Por Allah e Muhammad donde vem tanta anarquia?

Aconteceu-lhe alguma coisa Chica Silva, estais bem?

Podereis alguém mo explicar toda essa azáfama e gritaria?

Criado 5 – Pelos céus e Deus seu Criador, quem me acorda?

O que está acontecendo agora, reunião extraordinária

Da urbe e companhia. O que foi Chica que te apavora?

Copeiro-mor – Pelos braços de Shiva e Brahma, o que houve?

Estão todos loucos a gritarem a essas horas da noite?

Chica o que está acontecendo, queres em ti açoite?!

Criada Chica Silvana – Eu estava a dormir

E gritos daqui ouvi.

Pensei que algo

Acontecia com a

Nossa senhorinha,

Porém, agora ouço

Apenas silêncio.

Do quarto dela,

Nenhum barulho

Mais a soar.

Será que rapariga

Está bem?

Capítulo II

Naquele exato momento em que os empregados do palácio já estavam acordados à porta da princesa Raísa, esta teve uma ideia que veio a calhar justamente no exato momento em que o copeiro-mor adentrou o seu quarto arrombando a porta com toda força de um impetuoso chute de sola.

Obviamente que fingir-se de doente acamada em um primeiro momento de maneira repentina, não iria explicar as gritarias iniciais que Chica Silvana havia escutado, mas, sobretudo, iria desviar a atenção de alguns que ali em seu quarto estavam, principalmente do copeiro-mor, que era o mais astuto de todos os servos da Corte – até mais do que o velho Anúbis o Escriba Real – e que provavelmente iria observar tudo o que se passava naquele lugar, inclusive a maneira como a princesa iria responder aos questionamentos que seriam feitos à ela à guisa de um interrogatório, e a forma como as expressões faciais, e corporais dela iria se apresentar aos olhos do seu espírito inquiridor inveterado.

E foi como tudo aconteceu! Eu me lembro bem, de tudo como relatou-me minha amada tempos depois... Dentro de poucos instantes após a porta do quarto da princesa Raísa deitar ao chão de maneira muito brusca, causando um barulho ensurdecador, ouviu-se um grito da princesa, que assustada escondeu-se inocentemente atrás de seus cobertores e com os olhos fitando a todos, não conseguia verbalizar nenhuma palavra diante de tanto alvoroço que acontecia no seu quarto.

E em meio a toda aquela confusão, o único ponto positivo foi o rei, não ter acordado, nem tampouco, ser o dia de suas leituras filosóficas noturna das quintas-feiras em sua Biblioteca Secreta, que ficava um estágio a dentro da Biblioteca Real, logo após passar pelas ala dos livros de teologia escolástica e chegar a última prateleira com os livros de filosofia grega – a maior e mais numerosa estante da Biblioteca Real –, ocupando essa estante toda a parede, que possuía mais de dez metros de altura por duzentos metros de comprimento; e logo atrás dessa imensa parede onde ficava esse acervo de livros, havia a Biblioteca Secreta, que ao ser retirado do lugar *A República de Platão* e *A Metafísica de Aristóteles* ao mesmo tempo, abria-se uma portinha secreta que dava acesso ao outro lado da parede.

Foi mesmo muita sorte. Pois se por um minuto sequer o rei, tivesse acordado e surpreendido a todos naquela noite, sem sombra de dúvida ele iria desconfiar de mim, que no momento dos fatos ocorridos, não estava em meu Posto Real e com certeza meu destino teria chegado ao seu termo, muito antes do esperado. Se bem que na época não acreditava em fatalismo, determinismo ou ainda em predestinação, nem contudo no destino propriamente dito.

Após a porta cair levantado uma nuvem de poeira e todos adentrarem o quarto da princesa
(Chica Silvana e os outros criados começaram a interrogar quase simultaneamente a princesa):

Criada Chica Silvana – Senhorinha o que foi?!

Ouvi gritos e rumores.

Pensei que alguma

Coisa poderia ter-lhe

Acometido e por

Isso precisa-se de

Socorro, mas vejo

Que estais bem, ou

Quase bem...

Copeiro-mor – Minha senhora princesa, perdoai-me por isso,

Mas fiquei assustado com tudo que ouvi e por

Isso arrombei a porta para salvar-te se fosse preciso.

Criado 1 – Estais bem, minha senhora, porque estais deitada?

Por acaso tem algo que a impede de levantar-se?

Ou o medo tomou-te de assalto deixando-a parada?

Criado 2 – Minha senhora, quereis nos dizer o que foi que

Aqui, agorinha a pouco ocorreu, que todo esse

Alvoroço causou acordando-nos, dizei, não brinque?!

Criado 3 – Minha senhora, quase matais vossos servos do coração!

Por acaso estavas a deblaterar com alguém antes que

Nós aqui chegássemos e agora por certo ficou sem ação?

Criado 4 – Minha senhora, está tudo bem consigo mesmo?

Por Meca e pelo Alcorão, diga-nos o que se passa?

Até agora pouco gritarias foi o que ouvi em massa!

Criado 5 – Minha senhora, por Miguel e Gabriel!

O que se passa, estais bem mesmo?

Quereis tu nos explicar o suposto escarcéu?

Princesa Raísa – O que pensam que estão fazendo?

Não vedes que estou a periclitar e

Com risco de vida, estou a delirar?

É obvio que me ouviram gemendo.

Pois como poderei eu enferma, aqui

Prostrada nesta cama doente como

Estou, não gemer e gritar sem ânimo?

Agora me poupem e saiam todos daqui!

Contudo, quero dormir e descansar, pois eis

Que amanhã bem cedo é o dia de ver Dom

Pedro Pedreiro I precisamos ser amáveis.

Com ele e toda sua comitiva, que de longe

Vêm ao meu encontro receber respostas e

Ensinar-me a ter paciência como um monge.

Após saírem todos apressadamente do quarto da Princesa (Chica Silvana e copeiro-mor no corredor conversam)

Criada Chica Silvana – vistas a aflição nos
 Olhos da rapariga?
 Com certeza todo
 Disparate e ludibrio
 Com os quais ela
 Fica a nos caçoar,
 Sem sombra de
 Dúvida teve a quem
 Puxar, principalmente
 Aquele trejeito herdado
 De sua mãe que repousa
 Em travesseiros celestiais...

Copeiro-mor – Eu bem o sei minha cara Chica, que algo novo
 Por aqui no palácio está a ocorrer de novo.
 Não é porventura nossos ouvidos essas paredes?

Mas não é isso que me desinquieta por agora,
 Temo que muito em breve, nossos planos para
 Matarmos o rei, juntos, não aconteça na hora.

Criada Chica Silvana – Mas você não me garantiu
 Que as serpentes às
 Quais você extraiu boa
 Dose de veneno, são as
 Mais peçonhentas e cruéis
 Que alguém possa querer
 Acalentar à guisa de aio,